

# RELIGIÃO E IMAGINÁRIO: AS IDENTIFICAÇÕES NACIONAIS NA GÊNESE E CONSOLIDAÇÃO DA UMBANDA

Avanços de investigação em curso.

GT 21- Sociologia da Religião.

Melina Sousa Gomes  
Mestranda em Ciências Sociais  
Universidade Federal do Ceará

## Resumo:

Umbanda é uma religião brasileira que reúne elementos do cristianismo, do catolicismo, heranças indígenas, africanas e influência do kardecismo. É uma crença que carrega a heterogeneidade formadora da população brasileira, surgida no início do século XX ancorada no espiritismo com seus ideais republicanos. Havia em nosso território uma gama de espíritos de desvalidos, ex-escravos, indígenas e demais figuras desprezadas pela historiografia da época e que não possuíam espaço para manifestação nos Centros Kardecistas. Os caboclos dos terreiros representam tais espíritos e é esta simbologia que facilita a empatia, pois quanto mais próxima da realidade do adepto, maior facilidade haverá na crença nessa linhagem popular de espíritos. Neste artigo é a música na umbanda que melhor explicitará tais relações.

**Palavras-chave:** Umbanda, pontos cantados, imaginário.

## Apresentação

Pensar o Brasil e sua cultura através de suas representações ditas nacionais é um desafio que vem sendo empreendido há tempos por autores diversos. Seja com ênfase nos regionalismos, na economia, na política ou através das próprias manifestações culturais, tanto empenho ainda hoje não alcançou um consenso e talvez este nem seja almejado. Pensar o Brasil é antes uma forma de afirmação de “identificações” que um anseio de se falar em uma cultura homogênea que possa ser considerada como nacional (MENEZES, 2009).

Particularmente neste breve ensaio pretendo discorrer sobre o surgimento e consolidação da religião *umbanda* no Brasil, bem como sua maneira de funcionamento na contemporaneidade. Para tanto, inicio expondo suas origens e contexto de surgimento de consolidação, com destaque para a construção dos tipos sociais que suas entidades representam. Com esta apresentação concluída, exponho o cerne de minha pesquisa – a bebida alcoólica – em sua expressividade musicalizada nos terreiros em forma de *pontos cantados*.

O presente artigo não aprofunda as questões metodológicas da pesquisa, que se trata de etnografia realizada em um terreiro de umbanda localizado em Fortaleza-CE-Brasil. O que se tem delineado até o momento é a evidência da bebida alcoólica como causadora de conflitos e ao mesmo tempo mediadora destes, atuando como elemento sacro-profano que tem através de seu uso ritualístico propriedades mágicas e curativas.

Aqui o que nos interessa é atentar ao contexto de surgimento da umbanda, como ela cresceu e consolidou-se. Destaco o apelo empático da religião, que pauta suas entidades espirituais em tipos comuns e recorrentes da população majoritária do Brasil, os maginalizados. As entidades transmitem seus conhecimentos e experiências de forma que sejam de fácil memorização e simples de assimilar: é

através de cânticos, *corimbas* ou *pontos cantados* que elas revelam o que fazem, os motivos de assim agirem e um pouco de suas histórias de vida.

É com a música, por fim, através da exploração dos pontos cantados nos terreiros que o artigo se encerra, elucidando as relações construídas entre as linhas de trabalho da umbanda e as demandas da sociedade, sejam elas materiais ou espirituais. É através das corimbas que tais relações são explicitadas e são elas que melhor ilustrarão o campo pesquisado.

### **Percurso histórico das religiões afro-brasileiras**

Primeiramente, faz-se necessário definir o que expresse ao usar o termo “afro-brasileira”: religiões *afro*, neste ensaio, são aquelas que contam com alguma influência de uma África trazida ao Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII. Não são as religiões africanas, mas sim suas matrizes que ao embarcarem juntamente com os negros traficados para o então regime escravocrata do Brasil colonial contribuíram para nossa formação religiosa e muito deixaram de herança às nossas tradições.

Tais religiões, crenças, costumes e divindades foram apropriados de forma particular em cada região do país, unindo seus elementos originais aos nossos e formando uma amálgama que somente com alguma dificuldade pode ser compreendida – e somente compreendida, nunca explicada.

Isto porque cada religião formada a partir de então é composta por sistemas simbólicos tão específicos que fogem ao entendimento e tradução em palavras, evocando apelos muito mais emocionais que racionais; toda racionalização da cosmologia dessas tradições não corresponde a sua lógica intrínseca, pois essa é realizada por pesquisadores, antropólogos, etnólogos, historiadores, sociólogos e afins que dificilmente trarão em seu cerne de pesquisador a sensibilidade necessária ao entendimento de categorias fundantes da cosmologia investigada.

Dito isto, lembro que a religião norteadora de minha pesquisa é a umbanda; para compreendê-la, porém, é preciso que referências sejam feitas a suas antecessoras e seu momento histórico-político situado, para então haver sentido meu empreendimento.

2

Das religiões tidas atualmente como afro-brasileiras, a umbanda e o candomblé são provavelmente as mais difundidas. Foi através dos trabalhos de pesquisas de pioneiros como Roger Bastide e Pierre Verger que foi possível atentar ao fato de que nos terreiros, nas rodas de samba e batuque, nas capoeiras, jongos e danças de São Gonçalo<sup>1</sup> estavam muito mais presentes expressões culturais do povo que práticas ligadas ao mal, bruxaria e/ou charlatanismo; havia muito mais sabedoria no manejo com ervas por parte de descendentes indígenas do que o *curandeirismo* tratado de modo pejorativo, muito menos havia de *magia negra* no jogo de búzios e nas rezas dos benditos populares do que tradições passadas de geração a geração.

Com relação ao candomblé, pode-se dizer que seu traço mais marcante é justo a ligação íntima com a África negra. É sabido que este continente era avançado em relação ao Brasil tanto na lida com matérias-primas quanto em construções simbólicas de alta complexidade, contando com uma das mitologias mais ricas existentes. A organização política existia e sua extensão geralmente correspondia à *nação* que esta se ligava, o que para nós seria correspondente às *tribos*.

Cada nação contava com sua gama de representações míticas e ideológicas, cultuavam deuses ancestrais distintos e algumas vezes coincidentes. O mesmo ocorria com os rituais, sobretudo sacrificiais e iniciáticos.

Com o advento da descoberta do novo mundo pelos europeus e o regime escravocrata, ocorreu que tais civilizações sucumbiram ao imenso prejuízo de terem se tornado os sujeitos escravizados. Traficados foram à força para o Brasil, sem o menor respeito e consideração a sua dignidade enquanto seres humanos.

No Brasil colonial, membros de nações distintas e por vezes inimigas coexistiam nas senzalas<sup>2</sup>. Este era mais um artifício do escravizador para diluir laços e fragmentar memórias e esperanças, com o

intuito de dissolver qualquer resistência. Conflitos entre diferentes etnias podem de fato ter ocorrido, mas sabemos que distantes da terra mãe as desavenças regionais tendem a ser acalmadas e dar lugar a uma nostalgia telúrica semelhante à nossa quando em terras estrangeiras, que defendemos até os defeitos de nosso local quando foi na verdade justo por conta deles que de cá saímos.

Deuses diversos embarcaram nos navios negreiros e junto com os escravos foram traficados. As divindades africanas são os ancestrais, daí a importância fundante do parentesco e das nações. Os primeiros deuses, de criação do universo, apresentavam em geral traços mais comuns, embora variassem em seus mitos. Os ancestrais seriam os continuadores do trabalho divino, tornando-se então as próprias divindades (CIDO DE ÒSUN, 2008).

Ao unirem-se contra a vontade em território brasileiro, indivíduos que cultuavam ancestrais diversos acabaram por cultivar ancestrais comuns, ou deuses mais recorrentes entre as nações. Como Gilberto Freyre (2006) explica, a religiosidade escrava não era a principal preocupação dos senhores de engenho, estando eles mais ocupados em garantir alimentação adequada para o trabalho pesado e evitar fugas, de forma que houve certa tolerância aos cultos quando realizados longe de suas vistas.

Com o crescente poder da Igreja Católica, porém, a situação é alterada. Como defende Nestor Duarte (2006), o colonizador português é muito mais um homem privado que político, voltado a interesses pessoais e insubmisso ao poder real ou monárquico. Para manter o caráter anárquico que lhe é próprio, alianças com a Igreja são fundamentais, reproduzindo a família patriarcal como modelo de organização política e colocando-a à frente do Estado.

Com a Abolição da Escavidão em 1888 e a Proclamação da República no ano seguinte, os ideais positivistas, profundamente contaminados pela ideologia de *ordem e progresso*, são reforçados nos processos que naturalizavam a segregação humana pautados em teorias raciais. O que era próprio de uma cultura negra passou a ser perseguido e passível de punição, pois representava o atraso do país devido à “impureza” de nosso povo mestiço.

De acordo com a obra *Cidade Febril* de Sidney Chalhoub (1996), leis como a da “suspeição generalizada” e da “vadiagem” garantiam a perseguição e davam continuidade à tentativa de

3

“branqueamento” da população. Aqui cabe uma ressalva no que tange ao racismo brasileiro, mais relacionado ao *status* e posição social que à cor da pele, mascarando uma exacerbação da estratificação social (HOFBAUER, 1999).

No início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro reinava a influência francesa, tomada como referência mundial. Na tentativa de alcançar os “avanços” do referido país, a *Belle Époque* é marcada por políticas higienistas.

Com a crescente modernização do Brasil, a influência francesa ainda se faz presente, bem como os ideais positivistas pautados da ideia de progresso e evolução. No entanto, a Igreja Católica tradicional passa a ser vista, por certa camada de intelectuais, como representante do atraso em nossa democracia. O ideal espírita de Alan Kardec passa a ser mais condizente com o ideal de melhoras materiais e transcendentais, representando o que havia de mais avançado em termos de doutrina religiosa; sua lógica cármica e justa é mais próxima aos anseios de quem almeja ordem e progresso (ou evoluir através da racionalização) (ISAIA, 2012).

Chico Xavier é uma importante figura neste processo, pois em sua apropriação das ideias kardecistas difundiu práticas ligadas à caridade, o que imprime simpatia à nova doutrina ligada sobretudo à elite intelectual do Brasil. Seus frequentadores eram considerados esclarecidos, evoluídos e modernos, além de caridosos e justos. Os espíritos com os quais lidavam eram considerados *seres de luz* e não *demônios*, como eram encaradas as entidades africanas.

Surge então, com local e hora definidos, um movimento espírita que não contempla somente espíritos superiores e esclarecidos; um movimento voltado aos pobres e às classes marginais, uma religião acolhedora contando com seres mais semelhantes aos encarnados, espíritos sofredores e

segregados: é a Umbanda, nascida no Rio de Janeiro mediante a incorporação de um *caboclo* no médium Zélio de Moraes, entidade que se apresentou e ficou conhecida como *Caboclo das Sete Enruzilhadas* (PINHEIRO, 2012).

### Sobre a Umbanda

A umbanda é pensada com o intuito de ser a religião brasileira por excelência, reunindo elementos que remetem ao mito das três raças, pois sua cosmologia conta com elementos africanos, católicos e indígenas, apresentando fortes traços da religiosidade popular e das práticas kardecistas, reproduzindo em suas entidades o imaginário dos variados perfis nacionais. Para se fazer legítima, surge amparada pelo ideal espírita, apropriando-se de práticas como a incorporação mediúcnica, cura e caridade; preserva orixás africanos mas retira as práticas sacrificiais, uma espécie de “branqueamento” do candomblé, por exemplo. (DA SILVA E AMARAL, 1996).

Isso é bem expresso ao pensarmos nas *linhas de caboclos* da umbanda: são índios, boiadeiros, baianos, malandros, bêbados, pajés, pretos velhos, princesas e ciganos. São classes marginalizadas em geral, que sofrem preconceitos em diversas esferas, inclusive a religiosa. A umbanda acolhe e seduz, através da reprodução sagrada destes tipos, uma gama de desvalidos que na ausência de um sistema público de qualidade em saúde, por exemplo, passa a frequentar terreiros em busca de curas e demais trabalhos, como procura por emprego, concretizações afetivo-amorosas e consultas, simples conversas com os guias – é um contato direto com deuses humanos que pregam a igualdade e a tolerância, além de permitir que seu próprio corpo abrigue o sagrado através da incorporação.

A partir do momento que a aliança com a Igreja Católica não se torna mais tão rentável, pois a economia passa a girar sobre outros eixos, a importância desta é minimizada e surgem lacunas que podem ser preenchidas através de outras manifestações culturais religiosas, deixando vir à tona o que foi por tanto tempo reprimido que, ao ressurgir, vem totalmente modificado do que era em seus princípios.

Por isso não faz sentido falar em religiões africanas no Brasil e sim em religiões afro-brasileiras ou simplesmente *brasileiras*, posto que somente através da ausência de muitos dos seus elementos fundantes e da apropriação de outros é que elas foram passíveis de reconhecimento e finalmente permitidas.

4

O que inicialmente era questão de polícia passa a ser visto como patrimônio cultural, estando os terreiros atualmente dispostos a receber turistas e pesquisadores de toda parte muitas vezes deixando em segundo plano toda a barbárie com a qual foram tratados e assumindo a postura *clean* que as associações religiosas, federações e uniões lhes impõem, criando regimentos de funcionamento interno dos terreiros e exigindo, sob pena de não ter alvará de funcionamento, a filiação que atesta a “seriedade” do terreiro (NOGUEIRA, 1996).

A transformação do que era tido como *imoral* na sociedade brasileira do século XIX e início do século XX não ocorreu de forma pacífica. A religião era só um dos aspectos a serem combatidos devido à associação que era feita entre costumes de ex-escravos e o mal, ou as “classes perigosas” sobre as quais tão bem discute Sidney Chalhoub. O autor retrata, através da saúde pública, mecanismos de preservação e manutenção da ordem no período que antecedia e que sucedeu a abolição da escravidão. De acordo com seus argumentos, revoltas como a da vacina e tantas outras manifestações eram impregnadas de senso revolucionário não somente por questões de saúde, política ou morais; eram sobretudo revoltas no que dizia respeito à dignidade humana e a falta de reconhecimento desta por parte das autoridades.

Há um elemento interessante debatido que é a figura do Orixá Omulu<sup>3</sup>, que em sua lenda é associado a doenças de pele como a varíola. Para Chalhoub, de acordo com as crenças da população residente nos cortiços do Rio de Janeiro no início do século XIX, a doença fazia parte de um castigo

divino – e contra Deus não há vacina; colocado nestes termos, é de fato um impropério sujeitar-se às agulhas como forma de amansar o santo.

São estes fatos que me fazem atentar ao universo musical dos terreiros de umbanda, em especial aos pontos cantados que trazem elucidações acerca dos sentidos das bebidas utilizadas pelas entidades nos terreiros. O próximo tópico, portanto, corresponde a um comentário acerca de meu projeto de pesquisa e a apresentação de algumas *corimbas* cantadas nos terreiros com suas respectivas mensagens.

### **As entidades e seus Pontos Cantados**

Realizando uma pesquisa fonográfica, é possível observar nas letras dos pontos cantados um conjunto de mitos, ritos e conseqüentemente de representações contingentes ao objeto em estudo, constituindo importante fonte de informação acerca do ato de beber nos rituais de umbanda.

Para exemplificar o que vem sendo dito, transcreverei trechos de algumas corimbas e seus respectivos sentidos de acordo com a entidade que representam. Procurando seguir uma ordem cronológica, início com Oxóssi, deus da sabedoria e fartura. É sincretizado<sup>4</sup> com São Sebastião, comemorado em janeiro.

Oxóssi representa na mitologia africana um guerreiro das matas, habilidoso na caça e certo nas flechas – é identificado, logicamente, com o indígena brasileiro. Suas cantigas nos terreiros, portanto, remetem à natureza, à fartura, à bondade e às tribos nacionais que sempre lutaram mas pouco venceram. Guanari, Aimoré, Tupi e Jurema são nomes recorrentes:

*Somos dois irmãos guerreiros índios  
somos filhos de Aimoré  
Na tribo dos Guaranis  
Meu irmão chama Peri*

Nesta corimba é possível perceber quase uma síntese didática do que estes caboclos representam – a fidelidade irmanada à tribo, o ancestral comum e a figura familiar do índio Peri, imortalizado na literatura e na música brasileira. A habilidade com as flechas também é sempre exaltada:

5

*Eu atirei com 7 flechas  
Toda as sete acertou  
Eu sou caboclo da aldeia  
Eu sou caboclo flechador*

Este ponto cantado se refere ao caboclo Sete Flechas, chefe de linha dessas entidades. Na umbanda, as flechas ultrapassam o sentido material e podem simbolizar uma diversidade imensa de significados: quando um índio no terreiro dá um passe em um filho de santo e logo em seguida gesticula de forma a parecer lançar uma flecha, significa que com sua lança ele está afastando a mazela daquele sujeito; por outro lado, se uma pessoa está sob algum tipo de feitiço, este pode tê-la atingido mediante uma lança – diz-se que a pessoa foi “flechada” e tal flecha precisa ser retirada.

*Eu sou caboclo eu sou flecheiro  
Minha pisada é cruel  
Minha taquara quem carrega é uma mulher  
Na mata virgem o índio é cruel*

A mulher índia possui atributos similares aos dos homens, certa nas flechas e resistente em suas lutas. São assemelhadas a princesas, belas e misteriosas – encantadas das cidades da Jurema, em sua maioria.

*Tava no morro de areia  
Areia correu ligeiro  
Saravá cabocla índia  
Sou índia brasileira*

O termo Jurema é genérico e pode referir-se tanto a um local quanto a uma planta ou uma bebida – a religião que se vale de um ou todos esses elementos, pode ser chamada de Jurema. É característica do Norte do Brasil, mas tamanha é sua força de atração simbólica que é raro em centros de umbanda não haver menção a ela. Os caboclos índios, quando bebem, bebem vinho, pois a bebida alucinógena preparada à base de Jurema é também conhecida por vinho. Embora consumam álcool no terreiro, os caboclos de Oxóssi representam seus poderes mais pela fumaça dos cachimbos que pelas bebidas. Os poderes mágicos e a mística que envolve a fumaça remonta a épocas longínquas, não sendo de forma alguma exclusiva da umbanda e demais religiões afro brasileiras.

Bastide (1945) afirma que, para os índios, a fumaça possui poderes sobrenaturais, capazes de induzir o transe, efetivar curas e possibilitar a comunicação com os espíritos. O catimbó-jurema, então, abusa dos poderes da defumação, do fumo absorvido ou expelido para a realização dos trabalhos; sincrética que é, a umbanda também se apropriou da mística que envolve a fumaça e o fumo.

Em abril comemora-se o dia de São Jorge, representante do orixá Ogum. É um dos mais conhecidos pelos brasileiros, santo de devoção popular e conhecido por ser também guerreiro e em sua mitologia atuava em campos de batalhas militares. No imaginário, São Jorge corresponde a um soldado romano que se destacou por várias proezas, dentre elas matar um dragão.

É o padrão militar que rege este orixá e as entidades de sua linha são em geral sérias, corajosas, justas e procuradas por pessoas que precisam vencer seus dragões. Quando se precisa batalhar contra inimigos do corpo e/ou da alma, guerrilhar com os medos e covardias ou apelar para

6

uma proteção espiritual maior, Ogum é o procurado. Um dos chefes dessa linha é seu Ogum Beira-Mar: *Beira Mar, auê Beira Mar*

*Beira Mar quem tá na ronda é militar  
Com a sua espada, meu Pai, eu quero ver  
Com a sua lança, meu Pai, eu vou vencer*

Outra entidade de Ogum bastante respeitada por sua patente é Seu General de Brigada, que traz claramente o perfil militar em seu ponto cantado:

*Sou General de Brigada  
Já fui sargento de cavalaria  
Eu trago Sete Espadas pra te defender  
Eu sou Ogum em tua companhia  
Se Ogum é teu Pai  
São Jorge é teu guia  
Se Ogum é teu pai  
Venho com Deus e a Virgem Maria*

*Em campos de batalha eu saravei a tua banda  
Em campos de batalha Pai Ogum venceu demanda  
Estava com a espada na mão  
Pra defender estes filhos de Oxalá e Iemanjá  
Trabalho na terra e nas águas  
Eu sou General de Brigada*

É sabido que se deseja que a imagem de um militar não corresponda a de farras ou algazaras envolvendo bebidas alcoólicas. Seguindo este padrão, há uma única entidade de Ogum autorizada a beber no terreiro, que é Ogum Megê. Seu ponto cantado é:

*Qual é o homem  
Que bebe  
Que fuma  
Que vence a demanda?  
É Ogum Megê de Umbanda*

Seguida à comemoração de Ogum vem a dos Pretos-Velhos, entidades típicas da umbanda e inexistente no candomblé. Festejados no dia 13 de maio<sup>5</sup>, eles representam os escravos velhos das senzalas e são marcados pelo ranço da escravidão, mostrando-se muitas vezes magoados com os brancos e, num misto de orgulho e bondade, põem-se à disposição para ajudá-los como forma de mostrarem-se superiores a toda atrocidade para com eles cometida.

Fumam cachimbos, bebem café e cachaça. São procurados sobretudo para curas de enfermidades, pois eram eles os responsáveis por tratar dos doentes nas senzalas. Atrelando seus conhecimentos aos dos indígenas com os quais tiveram algum contato, são conhecedores de ervas, chás, banhos e alimentos com função medicinal.

Muitas vezes relatam a dura realidade da escravidão, mesclando fatos históricos registrados e fantasias e lendas recorrentes no imaginário das localidades que conviveram com o regime escravocrata. Seus pontos cantados remetem sobretudo ao poder de cura, à caridade e à bondade.

7

Mãe Maria é uma Preta Velha ligada a questões femininas, como gestação, parto e puerpério, além de infecções e complicações no sistema reprodutor. Apresenta-se como portadora de poderes na palma de sua mão:

*Aqui chegou a Mãe Maria  
Com sua força na mão  
É uma velha feiticeira  
É do Codó no Maranhão*

A Bahia, bem como o Codó do Maranhão, é frequentemente citada em pontos cantados:

*Lá na Bahia estão me chamando  
Pra beber açaí e comer vatapá  
Vamos Saravá Preta  
Saravá no terreiro ao povo que vem de lá da Bahia*

É Iemanjá a orixá feminina mais difundida no Brasil. Conhecida como a rainha das águas salgadas, seu dia é comemorado em datas diferentes ao longo do território nacional, pois como já foi

dito a plasticidade adaptativa dos cultos não segue padrões rígidos. Em Fortaleza, a data é 15 de agosto, feriado municipal por ser o dia de Nossa Senhora da Assunção, padroeira de nossa cidade.

As orixás femininas são ligadas aos mistérios e as entidades da linha de Iemanjá, bem como de Oxum e Iansã, são geralmente princesas ou sereias encantadas, algumas com histórias semelhantes à lenda de Iara Mãe D'água (CASCUDO, 2012). Por terem um perfil profundamente místico e encantado, é raro ela ingerirem bebidas alcoólicas – tal ato não é digno de realezas. Elas cantam e dançam com classe e suavidade, segurando taças contendo champanhe e distribuindo-o aos convidados e filhos de santo, mas não o ingerindo. É comum que coloquem a bebida próxima às imagens nos terreiros, em forma de oferenda.

Fenômeno inverso ocorre com as outras entidades femininas, essas tão conhecidas quanto Iemanjá: são as Pombas Giras, mulheres sensuais, sedutoras, vividas e experientes. A sabedoria delas está relacionada ao amor, à arte dos apegos e truques de conquista. A festa da Pomba Gira é geralmente realizada em novembro.

Com tanta vivência, estão mais que aptas a beber e o fazem com classe. As bebidas femininas são mais doces e suaves, como champanhe (de preferência rosé) e licores finos: amarula, anisette, cacau. Algumas poucas bebem cerveja, mas sempre em taças finas e nunca em copos comuns como os “de macho”. Os pontos cantados que elucidam seus trabalhos:

*Ê Paulina,  
Olhe eu vou girar  
Me bote uma dose no copo  
Me acenda uma vela  
Me faça oração  
Depois que eu beber e fumar  
O meu inimigo é debaixo do chão*

Esta corimba é da Pomba Gira Paulina, a protetora das mulheres. Uma Pomba Gira muito conhecida é Maria Padilha, que canta assim:

*Maria Padilha num bar  
pra beber e cantar  
pra viver de alegria*

8

*Maria Padilha é mulher bandoleira  
De dia ela é faceira  
De noite ela é pistoleira*

*No tempo que eu tinha dinheiro  
Eu ia pros boteco farrear  
Agora que o dinheiro acabou  
Venho pro terreiro  
Pra beber e pra baiar*

Há ainda uma cabocla da linha dos bêbados, Leviana. Quando ela chega no terreiro, vem às quedas como quem está profundamente embriagada e entoa:

*Sou uma cabocla leviana*

*Que não tem pai não tem mãe não tem nada*

*Eu ando bêba pois beber é minha sina  
É mãe querida  
É a bebida que me faz apaixonada  
E passa 1 e passa 2 e passa 3  
E não tem um que me dê uma bicada  
Por isso agora fui morar lá no encanto  
Pra não beber e não cair pelas calçadas*

As Pombas Giras são as entidades femininas do Exu. Quando elas estão no terreiro, é comum que os Exus masculinos apareçam para com elas confraternizarem. Um deles, boêmio nato, chega cantando:

*Malandro, qual é a tua?  
Beber cachaça e cair no mei da rua  
Eu sou malandro, acredite se quiser  
O malandro é muito homem pra conquistar qualquer  
mulher*

*Bebo o que tenho na mesa  
Só vou pra casa quando o cabaré se fecha  
Se aquela mulher chegasse aqui agora  
O cabaré se fecha e eu não vou pra casa agora*

O boêmio por excelência e rei da simpatia quando na linha de Exu, porém, é Seu Zé Pelintra. Sua mitologia envolve passagens pela Bahia, Alagoas, Pernambuco... Nesses locais, aparece mais como trabalhador que como boêmio; é a sua aparição na Lapa, porém, que marca seus traços mais difundidos: malandro de terno branco, rei da boemia, conquistador e sambista. É uma figura ambivalente, apresentando-se às vezes como o “bom ladrão” por afirmar que todos os crimes cometidos com sua navalha foram justos, por defesa de honra – sua ou de suas mulheres.

No terreiro que vem sendo pesquisado a festa de Seu Zé Pelintra acontece sempre em dezembro. Ele se identifica como “raparigueiro, jogador, beberrão” e a despeito de tudo isso, honesto e honrado. Dentre suas corimbas, destaco as que são cantadas na linha da malandragem ou dos Exus:

*Quando eu vou descendo o morro  
A nêga pensa que eu vou trabalhar  
Eu boto meu baralho no bolso  
9  
Patuá no pescoço  
E vou pra Barão de Mauá  
Trabalhar, trabalhar..  
Trabalhar pra quê?  
Se eu trabalhar eu vou morrer*

*Só dou boa noite pra quem é de boa noite  
Só dou bom dia pra quem é de bom dia  
A bênção, meu papai, a bênção  
Seu Zé Pelintra é o rei da boemia*

- Ô Zé, ô Zé enganador  
 Enganou a filha alheia com promessa de amor  
 Não fui eu que enganei ela, foi ela que se enganou (...)

Ô Zé, faça tudo que quiser,  
 só não maltrate o coração dessa mulher

Todas as corimbas citadas correspondem a uma linha de trabalho específica da umbanda, a de exus, malandros, bêbados e povo da rua em geral. É válido ressaltar que, em outras linhas, Seu Zé Pelintra mostra-se completamente diferente, apresentando outros valores morais e cantando pontos que não exaltam a malandragem e sim os bons costumes e os enigmas que envolvem esta entidade.

### Considerações finais

Acredito que a transcrição dos pontos cantados tenha sido útil ao entendimento do caráter festivo que há em uma gira de umbanda, bem como tenha marcado algumas doutrinas das entidades, contando suas histórias de vida e percepções de mundo.

A umbanda carrega em si expressões regionais diversas, simbolizando por fim a própria amálgama confusa e diversa que é o povo brasileiro. Os terreiros muitas vezes representam a única possibilidade de lazer, lá é local de beber, dançar, cantar e ainda receber bênçãos, curas e encontrar amigos encarnados e desencarnados. É lá onde há a possibilidade de lidar respeitosamente com as minorias: são índios, boiadeiros, prostitutas e ex-escravos que são louvados e reconhecidos como as verdadeiras forças espirituais do país.

Nossas tradições culturais são mutáveis, adaptativas e carregam em si um certo tom de abertura e complacência, como que sempre disposta a modificar-se conforme necessário. As religiões classificadas como africanas bem representam este fato, tendo sido construídas, legitimadas e perpetuadas de maneira a respeitar (ao mesmo tempo que incluir) seus dogmas iniciais e aqueles que lhes dariam sentido junto à população.

O objetivo desta pesquisa é contribuir tanto para uma melhor compreensão sobre nossa religiosidade quanto com a luta contra o racismo religioso, que vê nas religiões afro símbolos do condenável moralmente sem ter claras as funções que os rituais desempenham na doutrina. Antropologicamente, estas questões correspondem ao perfil que representa o imaginário sociológico brasileiro, pois as entidades são moldadas a partir de figuras-chaves de nosso cotidiano e agentes de formação populacional.

10

### Notas:

1) Todas as manifestações culturais citadas são danças populares que trazem em suas raízes matrizes africanas, porém na atual configuração são impregnadas pelo catolicismo popular e desenvolvem-se comumente em comunidades tradicionais, como indígenas e quilombolas.

2) Senzalas eram as habitações precárias nas quais os escravos moravam do período colonial. Geralmente eram construídas em anexo ou abaixo dos casarões dos senhores de engenho, tendo teto baixo, pouca ou nenhuma iluminação e ventilação.

3) Na mitologia africana o orixá Omulu anda com o corpo coberto de palhas devido ao seu problema de

pele, a varíola. No Rio de Janeiro, à época da revolta da vacina, a peste era associada ao fato de naquele ano não se haver homenageado o orixá como este merecia, de forma que seus filhos foram castigados com a doença e, na crença popular, a vacina de nada adiantaria contra a fúria do deus.

4) Sincretismo é o fenômeno pelo qual as entidades africanas, os orixás, são associados em forma de disfarce aos santos católicos. Atualmente, em tempos de perseguição religiosa menos severa, o fenômeno do sincretismo já está bastante enraizado, embora seja uma luta política por parte de alguns sacerdotes mais tradicionais desfazer tal associação. Para maiores informações, ver o trabalho de FERRETTI: **Repensando o sincretismo**: estudo sobre a Casa de Minas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

5) A data do 13 de maio é bastante simbólica para as religiões de matriz africana, pois foi neste dia que a escravidão foi abolida. O 13 de maio é, portanto, o dia de festejar a liberdade dos Pretos Velhos e o fim das senzalas.

11

### Referências Bibliográficas

BASTIDE, R. **Imagens do Nordeste místico em branco e preto**. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1945.

CASCUDO, L. da C. **Folclore do Brasil**. São Paulo: Global, 2012.

CHALHOUB, S. **Cidade Febril** – cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CIDO de ÒSUN, Pai E. **Candomblé** – a panela do segredo. São Paulo: Saraiva, 2008

DA SILVA, V. G e AMARAL, R. de C: Símbolos da Herança Africana. Por que candomblé? in: Lilia Moritz Schwarcz; Letícia Vidor de Sousa Reis (orgs.). **Negras Imagens**: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1996.

DUARTE, N. **A Ordem Privada e a Organização Política Nacional** – Contribuição à Sociologia Política Brasileira. Versão para eBook - eBooksBrasil: Companhia Editora Nacional, 2006.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

HOFBAUER, A. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo: 1999.

ISAIA, A. C. **A República e a Teleologia Histórica do Espiritismo**. In: Isaia e Manoel (org). **Espiritismo e Religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo: UNESP, 2012.

MENEZES, E. Diatahy B. de. **Formação do Povo Brasileiro e da Nação** – seu caráter nacional agonístico (alguns balizamentos). *Revista do Instituto do Ceará*, Ano CXXIII, Vol.123, 2009.

NOGUEIRA, L. **Entre a cruz e a encruzilhada**: formação do campo umbandista em São Paulo. São Paulo: EDUSP, 1996.

PINHEIRO, A. de O. **Revista Espiritual de Umbanda** : representações, mito fundador e diversidade do campo umbandista. In: Isaia e Manoel (org). **Espiritismo e Religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo: UNESP, 2012.